

<https://doi.org/10.26512/pl.v10i21.38222>

Resenha recebida em: 03/08/2021

Resenha aprovada em: 18/08/2021

Resenha publicada em: 12/01/2022

A MENTIRA, O MENTIROSO E SEUS TIPOS EM *SOBRE A MENTIRA*

LIES, LIARS AND ITS KINDS IN *ON LYING*

Matheus Guterres Brum¹

(matheus_guterres@outlook.com)

Resumo: A mentira é um tema recorrente em Filosofia e, atualmente, esse problema nunca esteve tão em voga. Contudo, é um tópico há muito pesquisado por filósofos de diferentes correntes. Um deles foi Santo Agostinho em *Sobre a Mentira*, obra que discorre acerca de uma definição de mentira, tipos de mentirosos e mentiras, em quais situações mentimos e se há casos em que a mentira é mais ou menos pecaminosa.

Palavras-chave: Agostinho. Mentira. Filosofia.

Abstract: Lying is a recurring theme in philosophy, and today this problem has never been more in vogue. However, it is a topic that has long been researched by philosophers from different schools of thought. One of them was St. Augustine in *On Lying*, a work that discusses a definition of lying, types of liars and lies, in which situations we lie and whether there are cases in which lying is more or less sinful.

Keywords: Augustin. Lie. Philosophy.

“Guardai-vos, pois, da murmuração inútil, e da maledicência preservai a língua; porque a palavra secreta não fica sem consequência e a boca mentirosa mata a vida.” Sb 1,6-11

1 BREVE BIOGRAFIA DO AUTOR RESENHADO

Aurélio Agostinho nasceu em 354 d.C numa pequena cidade da Numídia na África. Realizou estudos em retórica nos anos 370 e 371, sendo essa formação cultural composta quase inteiramente por autores de língua latina. Em 387, Agostinho recebeu o

¹ Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7884440598325278>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5866-8594>



batismo do bispo Ambrósio, em seguida retornou a sua cidade natal onde fundou uma pequena comunidade religiosa. Em 391, já em Hipona foi ordenado sacerdote pelo bispo Valério e mais tarde, em 395, foi consagrado bispo ainda na mesma cidade, foi ali também onde travou a maior parte de suas batalhas contra doutrinas heréticas e onde permaneceu até sua morte em 430. Dessa pequena localidade, Agostinho, segundo Reale: “[...] determinou uma reviravolta decisiva na história da Igreja e do pensamento do Ocidente.” (1990, p. 429).

2 PROBLEMA DE QUE TRATA O TEXTO

Verdade e mentira são conceitos caros a Agostinho. O primeiro, porque como podemos ver nessa breve citação “Nessa temática alma-Deus, o papel de alicerce é desempenhado pelo conceito de Verdade [...]” (REALE, 1990, p. 440), para o Filósofo, chegamos à verdade olhando para nós mesmos e conhecendo-nos como imagem de Deus. O segundo, tendo em vista o primeiro, porque obscurece o caminho da verdade e da salvação:

467

“O que seria então mais perverso do que colocar vantagens pessoais ou alheias acima da verdade? De fato, quando desejamos que alguém se torne capaz de alcançar a verdade, com uma mentira auxiliadora, fechamos o acesso à verdade.” (AGOSTINHO, 2019, p. 28)

Agostinho dedica duas obras ao tema da mentira: *Sobre a Mentira* e *Contra a Mentira*, nessa resenha optei pela primeira obra devido ao seu teor mais filosófico uma vez que a segunda tem um caráter mais teológico. Em que pese *Sobre a Mentira* seja uma obra curta — o livro referenciado possui apenas 77 páginas — o tema tratado, bem como as consequências da definição de Agostinho em relação a mentira, é extremamente profícuo para que possamos refletir hoje acerca dos desafios impostos pela era da *pós-verdade*, com isso não quero dizer que a saída agostiniana seria a melhor ou a mais correta, mas, sim que é um objeto interessante de reflexão. Por exemplo, examinemos a seguinte passagem:

Agostinho argumenta a impossibilidade em qualquer ocasião de uma declaração conscientemente falsa não ser uma mentira. Para demonstrar seu argumento ele inicia seu tratado desenvolvendo uma definição de mentira, e identifica no que ela consiste. **Após determinar que mentir é proferir uma falsidade com o propósito de enganar**, ele parte para questões mais complexas analisando se existem casos em que a mentira pode ter fins nobres. Revela-se como uma tentativa de compreensão do estatuto moral da mentira, no que tange a



situações sobre a vantagem ou desvantagem em realizar o pecado da mentira em oposição a evitar um sofrimento maior. (BLANS, 2012, p. 62, grifo nosso)

Ao tratar a mentira como um mal moral e uma declaração em que há a intenção de enganar, poderíamos utilizar esse conceito para estressar a seguinte questão hodierna: Quem compartilha *fake news* comete um mal moral? Seguindo o que foi exposto na citação, podemos dizer que não, caso a pessoa compartilhe por ignorância, desse modo ela recorre em vício, porém não pode ser julgada moralmente por isso, nas palavras de Agostinho:

Entretanto não é sem vício, porque ainda que não minta, caso acredite em coisas nas quais não deveria acreditar ou ignore se sabe aquilo que pensa, toma o desconhecido por conhecido. (2019, p. 11)

468

Creio que essa seja apenas uma do enorme campo de reflexões que essa obra nos abre. Mas vamos nos ater ao conteúdo do texto e não às suas ramificações agora. Em *Sobre a Mentira*, Agostinho discorre sobre a natureza da mentira, como podemos defini-la, classificá-la e classificar aqueles que mentem. O argumento central do texto é de que não há caso em que possamos proferir conscientemente uma falsidade sem que ocorramos em mentira e, portanto, em pecado. Assim, já nas seções iniciais, define o que seria a mentira e qual a natureza da mesma (proferir conscientemente uma declaração falsa), a partir daí analisa casos mais complexos em que mentir poderia ser útil, ou lícito e contrasta a opinião daqueles que advogam sobre ser útil mentir às vezes contra a daqueles que dizem que nunca se deve mentir. Para além disso, nos traz casos em que cometer o pecado da mentira seria mais ou menos vantajoso em oposição a um sofrimento maior, bem como se seria lícito utilizar a mentira em prol de um propósito nobre. Agostinho é peremptoriamente contrário ao último caso e sobre o primeiro citado nos diz que o pecado da mentira sempre resulta num mal; para o autor todo aquele que mente, necessariamente, comete um pecado, todavia há mentiras mais e menos pecaminosas. Ele classifica assim 8 tipos de mentiras, do caso mais grave ao menos grave.

Creio que pelo teor dos assuntos discutidos nos parágrafos anteriores, fica claro que a mentira aqui não é enfrentada no campo epistemológico, é antes, um problema moral, filosófico e teológico. Pela profundidade da discussão e dos argumentos movidos (que veremos melhor na seção a seguir), é patente a relevância histórica e filosófica do texto. Histórica, pois é um importante documento que traz consigo considerações relevantes sobre a exegese católica e da moral ocidental. Filosófica, pelo próprio



conteúdo e seu exercício argumentativo e contra-argumentativo, que nos auxilia, ou ao menos melhora nossa capacidade reflexiva.

3 HIPÓTESE DEFENDIDA E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Em *Sobre a Mentira*, Agostinho argumenta que a mentira nunca é lícita, ou melhor, nenhuma declaração que é conscientemente falsa escapa de ser uma mentira, como podemos ver na seguinte passagem:

É por isso que diz uma mentira quem tem uma coisa em sua mente e enuncia outra por meio de palavras ou quaisquer signos. Daí que se diga que o coração do mentiroso é duplo: pensa ou sabe a verdade de uma coisa, mas não a exprime, e diz outra no lugar daquela [...]. (AGOSTINHO, 2019, p. 11)

Prima facie o que salta aos olhos é que a noção de mentira não envolve uma falsa asserção acerca de um dado objeto, “Portanto, é a partir da opinião de sua mente, e não das próprias coisas, que deve ser julgada a verdade ou a falsidade [...]” (AGOSTINHO, 2018, p.11), mas a intenção daquele que profere tal e tal asserção, i.e., se eu sei que x, mas intencionalmente profiro y (ao invés de x), preencho os dois requisitos para me tornar um mentiroso, um pecador. A mentira aqui não é enfrentada a partir do campo epistemológico, mas do moral. Disso se segue, que um indivíduo que crê ou opina erroneamente acerca de algo não necessariamente mente, caso tenha a intenção de falar uma verdade, o que este indivíduo faz é recorrer em um vício, ou falar muito apressadamente sobre o que não tem certeza. Essa definição central sobre a mentira é o que se pode chamar de Doutrina do Duplo Coração, nesse caso é como se tivéssemos dois corações um interior e outro exterior, além da citação feita no início desse parágrafo há várias outras passagens em que a relação entre o coração interior e exterior é feita, por exemplo:

Ainda estais sem entendimento? Não entendestes que aquilo que entra pela boca vai para o ventre, e é lançado na latrina, mas o que procede da boca sai do coração, e é isso que polui o ser humano? Porque é do coração que saem os maus pensamentos, os homicídios, os adultérios, as fornicções, os furtos, os falsos testemunhos, as blasfêmias e são essas as coisas que poluem o ser humano [...] Portanto, o que nos resta é entender que o senhor está falando de uma boca do coração quando diz: Aquilo que procede da boca sai do coração. (AGOSTINHO, 2019, p. 53)



De forma menos retórica e teológica, podemos esquematizar o argumento agostiniano da seguinte maneira:

1. Fulano faz uma afirmação falsa;
2. Fulano em seu coração (interior) acredita no oposto do que afirma (ou acredita que x e afirma não-x);
3. Fulano ao afirmar o contrário do que acredita tem a intenção de enganar, i.e., fazer com que acreditem em não-x.

É importante notar que se tomarmos apenas 1 não temos um caso de mentira —como já foi dito anteriormente o Fulano pode apenas estar recorrendo ao vício— Agostinho parece fazer uma diferenciação entre: “enunciar uma proposição falsa” e “enunciar uma mentira”, certamente 1 é condição necessária, mas não suficiente para definir mentira. A discussão sobre se 2 e 3 tomadas separadamente seriam condição suficiente para definir uma mentira é algo que penso ser interessante, mas nos tomaria um tempo desnecessário aqui e fugiria do escopo da resenha.

Feita a definição, o autor passa a discutir se há casos em que mentir seria lícito. Por exemplo, se alguém enuncia algo falso, com a intenção de evitar um mal. Imagine uma situação em que o indivíduo A não é percebido como veraz pelo indivíduo B. A sabe que durante a noite uma certa estrada estará lotada de ladrões e que B passará por essa estrada. A também sabe que B não acreditará em suas palavras se disser a verdade, e então A diz que não existem ladrões naquela tal estrada naquele tal horário, assim B não seguirá esse caminho, pois entende que A mente. Nesse caso A comete um pecado? E se fosse ao contrário, A diz a verdade com a intenção de que B tenha suas posses roubadas, pois sabe que não será crido. Nesse ponto Agostinho inicia uma longa discussão sobre as passagens 1,2 e 3 do argumento supracitado. Se tomarmos apenas 2, A mente na primeira situação, mas não na segunda. Se tomarmos apenas 3 A mente na primeira situação, mas não mente na segunda. Esse ponto dos textos, como bem diz BLANS, fica em aberto:

[...] Agostinho diz sim o que “ela é”, ele constrói uma estrutura para a definição de mentira em que há pelo menos três condições suficientes para caracterizar uma mentira. A questão que ele deixa em aberto é se as três condições devem conjugar-se para que haja uma mentira. Neste particular é que considera o quanto problemática é a noção de dizer uma mentira. (2012, p. 71)



Agostinho ainda levanta casos em que seria proveitoso mentir, mentiras que talvez evitem prejuízo, tragam paz à uma alma perturbada, ou evitam algum tipo de mal. Aqui também cita algumas passagens bíblicas onde personagens do antigo testamento teriam se utilizado do recurso. Contra os argumentos iniciais o autor nos diz o seguinte:

[...] fazendo uso da própria autoridade divina, já que no próprio decálogo está escrito: *Não dê falso testemunho*, em que classificam todos os tipos de mentira [...]. Mas, para que alguém não conteste que nem toda mentira deve ser chamada de falso testemunho, o que se dirá do que está assim escrito: *A boca que mente mata a alma*? Para que alguém não julgue que se pode mentir excepcionalmente, diz em outro lugar: *Destróis todos que falam a mentira*. (AGOSTINHO, 2019, p.17, grifo do autor)

Contra o argumento daqueles que dizem que há mentiras no velho testamento, o autor resumidamente, nos diz que: 1) há casos em que a linguagem utilizada é figurada, e.g., nas falas dos profetas; 2) há um tipo de engano, ou não são mentiras completas, pois houve alguma espécie de progresso moral². Fica claro que para Agostinho não há mentiras nas escrituras e tampouco devemos admitir qualquer tipo de mentira em nossa vida cotidiana. Mesmo em casos onde a verdade pudesse levar a morte:

“Essa morte que os ignorantes temem, sem temer o pecado, não mata a alma, mas o corpo: como ensina o Senhor no Evangelho, em que nos instrui que a morte não deve ser temida. Porque a boca que mente mata a alma, não o corpo [...] Não se considera de extrema perversidade que alguém precise morrer espiritualmente para viver corporalmente? [...]” (AGOSTINHO, 2019, p. 23)

Ou evitar a impureza do corpo quando somos flagelados por alguém:

“Por isso, aos que propusessem aquela condição “Se não oferecerdes incenso, sofrereis esta violação”, se ele respondesse: “Eu não escolho nenhuma das duas coisas, detesto ambas, não vos dou nenhum consentimento”, com palavras como essas, [...], não lhes dá nenhum **consentimento**[...]. Seja qual for o castigo que lhe infligem fica com ele o recibo da injúria, eles com o delito.” (AGOSTINHO, 2019, p.31, grifo nosso)

² Aqui me refiro às páginas 18 e 19 da obra de Agostinho, esse argumento me pareceu estranhamente obscuro e soa mais como um recurso retórico para provar seu ponto, talvez seja uma dificuldade imposta pela tradução, mas também não encontrei mais clareza em outras traduções dessa obra seja em inglês, ou português.



Em ambas passagens fica claro que o espiritual tem preponderância em relação ao físico e que salvar o primeiro é mais importante que o segundo. No entanto, é válido pensar se aquele que sofre uma violação não comete um pecado da carne, contra isso Agostinho introduz as noções de consentimento, cumplicidade e permissão. Na citação acima já fica um pouco evidente qual a função do consentimento, i.e., se eu não consinto com uma certa atitude que é impressa sobre mim não posso ser julgado moralmente por sofrer aquela ação. Não aceitar isso, seria o mesmo que dizer que aquele que prefere à morte ao invés de negar sua fé comete suicídio³, pois de alguma forma não estaria zelando pela própria vida —tal coisa é obviamente absurda. Ser cúmplice de um pecado é aceitar um mal menor para se defender de um maior, e.g., retomando a citação acima, queimar o incenso para evitar a violação. A permissão pode ser concedida contra a nossa vontade para evitar algo pior, mas isso não significa consentir com determinada ação, podemos ter razões para permitir algo contrário à fé, mas não consentir em nossa alma: "Daí, portanto que consentimos quando aprovamos e queremos, mas permitimos contrariamente a nossa vontade, para evitar algo mais ignóbil" (AGOSTINHO, 2019, p.63).

472

Em que pese mentir seja sempre pecado, há pecados mais graves que outros e o mesmo se segue para a mentira, i.e., há mentiras mais graves que outras. Podemos resumí-las na seguinte tabela, sendo 1 a mais pecaminosa e 8 a menos pecaminosa:

01	A mentira contra a doutrina religiosa
02	A mentira que prejudica alguém de forma injusta, não beneficia ninguém
03	A mentira que prejudica alguém em benefício de outrem
04	A mentira contada pelo prazer de mentir
05	A mentira motivada pelo desejo de agradar
06	A mentira usada para proteger bens materiais
07	A mentira usada para salvaguardar a vida
08	A mentira para conservar a pureza do corpo

Os 5 primeiros tipos de mentira são, em resumo, taxativos, ou seja, “mentir é errado!”,

³ Ver p. 31.



pois são os tipos de mentira que prejudicam alguém e não ajudam ninguém. Já o tipo 6, 7 e 8, segundo Blans:

“[...] o sexto e o sétimo um verdadeiro cristão não deve cometer. O oitavo tipo de mentira também deveria ser evitado, porque também não se justifica sob hipótese alguma, pois, mesmo aquela mentira que contém boas intenções futuramente será julgada por Deus.” (2012, p. 121)

Além disso, 6 e 7 são o tipo de mentira que não prejudica ninguém, mas ajuda alguém, sendo 8 um caso particular, não genérico, de agressão física ou sexual. Nos próximos parágrafos darei uma breve explanação sobre cada tipo de mentira.

Tipo 1- O mais grave dos tipos de mentiras é a mentira contra a Sagrada Escritura, tendo em vista que leva ao erro e ao ensinamento errado da Doutrina. Nesse tipo de mentira, também estão prescritos os casos em que se mente sobre as Escrituras para convencer alguém a se converter, nas palavras de Blans: “A verdade em relação à doutrina é a responsável pela castidade da alma, e se esta é perdida não há outra possibilidade de conservar a pureza do espírito.” (2012, p.119).

473

Tipo 2- O único intuito desse tipo de mentira é causar dano a alguém, sendo por injúria, calúnia ou difamação e até mesmo visando um mal físico, i.e., tem como motivação apenas a maldade.

Tipo 3- Em essência é semelhante ao tipo 2, porém aqui um terceiro é beneficiado pela mentira proferida.

Tipo 4- Esse é o tipo de mentira contada apenas pelo prazer de mentir, talvez pudéssemos pensar num caso de mitomania ou, talvez, nas redes sociais em que não é difícil encontrar casos de indivíduos que ostentam um certo *status* que é falso, corpos criados via *photoshop*, etc.

Tipo 5- O tipo de mentira que é utilizado comumente em discursos em que um indivíduo é exaltado, também em práticas sociais que visam agradar outrem para conseguir um certo benefício no futuro.

Tipo 6- Esse é um dos tipos compreensíveis de mentira e que visam proteger alguém, por isso acabam causando um benefício, por exemplo, uma situação em que alguém mente sobre não possuir um determinado bem para não ser assaltado.

Tipo 7- Talvez esse tipo de mentira nos soe estranha atualmente, mas se pensarmos na época onde Agostinho estava inserido essa discussão se torna um pouco mais compreensível, vide a citação feita sobre queimar um incenso para não



sofrer uma violência. De qualquer modo, é a mentira que não prejudica ninguém, mas beneficia alguém.

Tipo 8- Essa é a única definição que faz relação com um caso mais particular e menos genérico, a saber, salvar o corpo de uma impureza. No entanto, conforme já vimos em parágrafos anteriores, salvar a alma e mantê-la pura (não mentindo, por exemplo) é mais importante que salvar o corpo.

Agostinho também faz uma categorização dos tipos de mentirosos, essa muito mais moderada, são duas as classes: O Mentirosos e o Mendaz. O Mendaz é aquele que mente sem motivo, mente porque “[...] ama mentir: regozija-se interiormente mentindo (AGOSTINHO, 2019, p.36)”. Enquanto o mentiroso, mente como que sem querer, talvez apenas para agradar alguém, ou escapar de uma situação constrangedora. No entanto nos é dito:

Entretanto, esses dois tipos de mentirosos prejudicam muito a si mesmos: os primeiros [os mendazes] por abandonarem a verdade porque a mentira lhes dá prazer, os segundos [os mentirosos] por preferirem agradar a dizer a verdade. (AGOSTINHO, 2019, p. 36)

474

Em todo caso, mais uma vez é retificado a abominação do autor em relação a mentira, mesmo em casos extremos, mentir seria, no máximo, evitar um pecado maior com um menor.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que a reflexão interessante que podemos extrair da obra resenhada é, sobretudo, a Doutrina do Duplo Coração, i.e., a mentira não como uma falsa asserção acerca de algo, mas quando há a intenção deliberada de enganar —nesse caso aquele que engana, sabe em seu coração interior o que é verdade— deixo de lado aqui as consequências um pouco radicais desse conceito, por exemplo, a de que é melhor sofrer uma violência à mentir. Entendo que a discussão sobre a mentira pode ser útil para hoje melhor compreendermos o que é a mentira, ou como classificá-la, bem como de que forma lidamos com essa problemática. Talvez essas concepções tenham até mesmo reverberações em nosso modo de lidar com *fake news*, teorias de conspiração, etc. E, com certeza, na área do direito definir mentira e mentiroso tem uma função fulcral acerca de testemunhos e depoimento. Por fim, se nenhuma reverberação sair da concepção agostiniana de mentira, espero que fique claro o valor histórico e filosófico de *Sobre a Mentira*.



REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. *Sobre a mentira*. Trad. Alessandro Jocelito Beccari. Petrópolis: Vozes, 2018. 77 p. (Vozes de Bolso).
- BLANS, Lisiane Sabala. *A análise da mentira em Agostinho*. 2012. 154 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Filosofia, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/ppgf/wp-content/uploads/2011/10/Dissertacao-lisiane1.pdf>>. Acesso em: 12 mai. 2021.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia: Antiguidade e Idade Média*, v. 1. 6 ed. São Paulo: Paulus, 1990. (Filosofia)



AGRADECIMENTOS

Essa resenha nasceu da disciplina Redação e Pesquisa, ministrada pelo professor Renato Duarte Fonseca. Agradeço ao professor pela ajuda, correções, compreensão e conversas ao longo desse extenuante semestre.

Agradeço também ao meu colega Darlan Rodrigo Campos pelas correções e sugestões feitas no texto. Entendo que essa troca é seminal para o desenvolvimento de nossos trabalhos.

